

Alucinação lúcida: a metáfora da luz em Fábio Andrade

Playful hallucination: a metaphor of light in Fábio Andrade

Mahely Florenço BARROS¹

Resumo: O poeta Fábio Andrade, em seu livro *Luminar Presença*, revela ser um grande artífice da poesia pernambucana contemporânea. Nosso objetivo, neste trabalho, é mostrar que as metáforas dos instantes de luz presentes em sua obra derivam de sua concepção de um tempo cíclico do universo em contraposição à linearidade e finitude da vida humana.

Palavras-chave: Fábio Andrade. Tempo. Luz.

Abstract: The backbone of this paper is made by a close reading of Fábio Andrade's book *Luminar Presença* with focus on its metaphorical dimension. Using the metaphor "light" as a case study, we intend to show how this image becomes coherent once time flow is conceptualized as cyclic. This understanding of time contrasts with the specificity and finitude of human life – that it is primarily directed toward the future in its creation and engagement of possibilities.

Key-words: Fábio Andrade. Time. Light.

A procura do tempo na poesia

Que canto há de cantar o que perdura?²
(Hilda Hilst)

O mundo do homem é o mundo do sentido. É o devaneio, depois a percepção, em seguida a representação, e enfim a retificação e o esquema³. Claro que se pode desafiar o esquema e uma das maneiras de subvertê-lo é através da função poética da linguagem. A poesia desmonta a fabricação da realidade pela práxis comunitária, e, segundo Coseriu, é o lugar do desdobramento, da plenitude funcional do signo linguístico⁴. Nas palavras do poeta Rilke, é como se o curso da natureza que requer que tudo queime até virar cinzas, fosse invertido de modo que até as cinzas pudessem irromper em chamas⁵.

Hannah Arendt relaciona a capacidade humana de produzir coisas – obras e feitos e palavras – à possibilidade da eternidade num mundo onde tudo é imortal exceto o próprio homem⁶. Essa, então, é a grandeza da poesia: em um mundo de

¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Pós-graduada em Cultura Pernambucana pela Faculdade Frassinetti do Recife – FAFIRE.

² "Da noite". In: HILST, Hilda. **Do desejo**. São Paulo: Globo, 2004. p. 30.

³ Bachelard. *Apud* BLIKSTEIN, Izidoro. **Kaspar Hauser ou A fabricação da realidade**. São Paulo: Cultrix, 1995. p. 87.

⁴ *Idem*. p. 85.

⁵ "Mágica". *Apud* ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 182.

⁶ *Idem*. p. 28.

mortais, um instante do eterno. Pois, de acordo com Octavio Paz (1982, p. 31), “o poema é via de acesso ao tempo puro, imersão nas águas originais da existência”.

Para Bosi (2008, p. 131),

Mesmo quando o poeta fala de seu tempo, da sua experiência de homem de hoje entre homens de hoje, ele o faz quando poeta, de um *modo* que não é o do senso comum, fortemente ideologizado; mas de outro, que ficou na memória infinitamente rica da linguagem. O tempo “eterno” da fala, cíclico, por isso antigo e novo, absorve, no seu código de imagens e recorrências, os dados que lhe fornece o mundo de hoje, egoísta e abstrato.

O autor de *O ser e o tempo da poesia* elenca seis caracteres comuns a todos os grandes textos poéticos: 1) a linguagem da poesia é mais singularizada que a da não poesia; 2) sua singularidade consiste no seu caráter não abstrato; 3) O caráter concreto da palavra poética não se confunde com o caráter icônico imediatista das artes visuais; 4) há entre o poeta e a experiência uma mediação imagística como também várias mediações discursivas; 5) o discurso poético enquanto tecido de sons, vive um regime de ciclo; 6) há na poesia uma capacidade de resistência que parece ter algo das formas da Natureza (BOSI, 2008, p. 132-137).

Dessa forma, a poesia realiza o eterno retorno pela analogia e contiguidade entre os seres e esse ciclo cumpre-se na dança do ritmo. Mário Quintana (2005, p. 125), em seu poema *Emergência*, adverte-nos de que os poemas têm ritmo para que possamos profundamente respirar: “quem faz um poema salva um afogado”. O instante é consagrado à poesia e faz-se sem limites no tempo. Mas à característica de estar sempre presente soma-se a realidade da história. O poema é algo que transcende o histórico, mas não está fora dele. Assim como o homem também é história, e para escapar de sua condição, não tem outra alternativa a não ser fundir-se mais plenamente ao tempo: “em cada instante ele quer se realizar como totalidade e cada uma de suas horas é o monumento de uma eternidade momentânea” (PAZ, 1982, p. 232).

O poeta Fábio Andrade, como artista consciente de que a imagem é mediada pelo discurso e seu tempo plural, escolheu, para seu livro *Luminar Presença*, a rica imagística do tempo, presente em quatro instantes do dia⁷: *A Manhã e a Língua da*

⁷ Excetuando-se aqueles que seguem à parte e fogem da lógica interna da obra.

Terra, Palavras Perigosas ao Meio-Dia, Visões do Mar à Noite e Os Olhos Incinerados da Manhã. Neste artigo, pretendemos abordar a perspectiva do autor acerca do tempo através da metáfora da luz em sua poesia.

A Manhã e a Língua da Terra

E eu me crio como um traço de pena
Senhor do mundo
Homem ilimitado
(Pierre Albert-Birot)⁸

Segundo o Dicionário de Símbolos de Chevalier e Gheerbrant, na Bíblia, a palavra ‘manhã’ indica o tempo dos favores divinos e da justiça humana (Salmos 101,8). É também símbolo de pureza e de promessa – o tempo em que a luz ainda está pura, os inícios, onde nada ainda está corrompido, pervertido ou comprometido. É a hora da confiança em si, nos outros e na existência. Bastazin (2006, p. 153-155) afirma que este tempo sagrado – também denominado *illud tempus* ou tempo das origens – suprime todas as marcas de linearidade do passado e do futuro, vistos respectivamente como um tempo que já não mais existe ou não aconteceu ainda. O conceito traz em si a ideia do movimento de reatualização, ou seja, a ambivalência de eventos que se manifesta entre o começo e o fim, o limitado e o irrestrito, a luz e as trevas, a vida e a morte. Através dessas manifestações, o homem tem acesso ao divino, o que sugere um tipo de experiência libertadora.

Já a língua, é considerada como uma chama: destrói ou purifica. Como instrumento da palavra, cria ou aniquila, e ainda julga. Nesse ponto, encontra-se sua lucidez. A consciência criadora do poeta trabalha então os primeiros dados do dia a fim de dar-lhes um sentido de revelação, ou como diria Bandeira, para ficar dentro do mesmo campo semântico, *alumbramento*.

O mito de Endimião manifesta a verdadeira natureza do amor – o adeus interditado. O poeta curva-se à derrota, e “cuida que se ganha em se perder”:

Canto

⁸ “Les amusements naturels”. *Apud* BACHELARD, Gaston. *A Poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 191.
Revista FAFIRE, Recife, v. 4, n. 2, p. 11-21, jul/dez.2011

Esta antiga forma de derrota
Curta temporada, lira vazia
Restam os despojos incantados
A mudez inacabada.

Em outro momento, o amor surge como *Sempre um porto / Outro e longínquo / Aguardando a resposta / Que não podia ser dada*. O sentimento é de inquietude e paz: *Ouvir crescer / O pêlo crespo / E pontiagudo / Na natureza / Pacífica / Que eu era*; plenitude e vazio: *eu desconheço o valor da distância / e a amada o preço de sua ausência*. Mas, a primeira hora do dia é o avesso do negro e o poeta termina por dizer que o amor traz a vida *onde antes só havia sombra e ruína de sombra – inanimada*.

O segundo tema a destacar está no segundo poema, que traz o mar⁹ como símbolo da dinâmica da vida, do transitório, do mundo e do coração humano. É *origem e mistério*. O tema da efemeridade da vida é retomado no poema seguinte:

a pupila inflamada
ao aproximar-se da vela

no chão frio
o tempo armado de noites

flores despontam
a claridade em teu corpo chora

a vida levanta-se com séculos nos olhos
e ri e teme e luz e morre.

O poema traz à lembrança o quadro do barroco George de La Tour, *Madalena à luz da lamparina*¹⁰. A brevidade da existência humana tematizada na pintura aparece no poema sob a forma de vários símbolos: a vela, a flor, a luz, e o próprio tempo que vêm armado de noite: mistério. Assim, podemos dizer que a primeira parte do *Luminar Presença* traz à luz, questões fundamentais da condição humana: o eterno em um corpo mortal, o incessante esvair-se (e completar-se) do tempo.

Palavras Perigosas ao Meio-Dia

Meio-dia lá no alto, Meio-dia sem movimento

⁹ CHEVALIER, Jean et al.. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003. p. 592.

¹⁰ CHARLES, Victoria. MACSHANE, Megan. WIGAL, Donald. (Org.) **1000 obras-primas da pintura**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 198.

Em si se pensa e convém a si mesmo.
(Paul Valéry)¹¹

Ainda segundo Chevalier e Gheerbrant, o meio-dia marca uma espécie de instante sagrado, uma parada no movimento cíclico, antes que se rompa um frágil equilíbrio e que a luz se incline rumo ao seu declínio. Sugere uma imobilização da luz em seu curso – o único momento sem sombra – uma imagem da eternidade.

E, como já falamos anteriormente, nada melhor pra marcar um instante do eterno do que voltar o olhar para a poesia mesma, que não é nada senão o próprio tempo, ritmo perpetuamente criador (PAZ, 1982, p. 31). Desta forma, os poemas desse fragmento têm em comum o tema da poesia sobre a poesia. Com efeito, PAZ (1982, p. 233) afirma:

O poeta consagra sempre uma experiência histórica, que pode ser pessoal, social ou ambas as coisas ao mesmo tempo. Mas, ao nos falar de todos esses sucessos, sentimentos, experiências e pessoas, o poeta nos fala de outra coisa: do que está fazendo, do que está sendo diante de nós e em nós.

O poeta dialoga com outras vozes da literatura como René Char, Góngora, e também com um músico: Monsier de Saint Colombe. O questionamento da força da palavra é o tema do primeiro poema:

Fúria , vulcão – intensa tormenta
a mais branda palavra exhibe
– os lábios mal a contém.

A poesia é vista como *o corpo mais nítido*. Dentro da palavra há *a silente confrontação: do fruto com a terra da memória com o tempo*. O poeta deseja revelar sua condição de reconciliação consigo mesmo:

sou outro
sempre que levanto
contra as águas
inumeráveis
o apelo incontido
o grito já olvido

¹¹ "Le Cimetière Marin". *Apud* CHEVALIER, Jean *et al.* **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.p. 603.
Revista FAFIRE, Recife, v. 4, n. 2, p. 11-21, jul/dez.2011

Por conseguinte, o primeiro pulsar do tempo recomeça o processo irreversível da perfeição da vida, colocando-se em destaque a capacidade do homem de compreender e assimilar o seu próprio processo de existência em consonância com o do universo (BASTAZIN, 2006, p. 153). A imagem do meio-dia marca o início e o retornar do ciclo do tempo: a palavra como símbolo mais puro da manifestação do ser que pensa e exprime ele próprio, ou do ser que é conhecido e comunicado por um *outro*¹².

Visões do Mar à Noite

O dia vem, e dia adentro
Continuo a possuir o segredo grande da noite.
(Manuel Bandeira)¹³

A noite simboliza o tempo das gestações que vão desabrochar em pleno dia como manifestação da vida: *Cada palavra noite é um moinho / Que demove do vazio bosques de azul profundo*. Ela é a imagem do inconsciente e, no sono da noite, o inconsciente se libera. Entrar na noite é voltar ao indeterminado, onde se misturam pesadelos e monstros, *as ideias negras*:

Buscamos o horizonte
Das coisas inacontecidas
Onde o morto esquece suas origens.

É interessante notar que a lua – sempre relacionada à ausência de luz, à noite – representa o *primeiro* morto, pois, durante três noites, em cada mês lunar, ela desaparece, está como morta. Nesse sentido, é significativo o que Eliade (1992, p. 78) explica acerca das fases da lua:

[...] o ritmo lunar não só revela muitos intervalos (dias, semanas, meses), mas também serve como arquétipo para durações mais prolongadas, na verdade o “nascimento” de uma humanidade, seu crescimento, decrepitude (desgaste) e desaparecimento assemelham-se ao ciclo lunar. E, essa semelhança é importante, não apenas por nos mostrar a estrutura lunar da transformação universal, mas também por suas conseqüências otimistas: porque, do mesmo modo que o desaparecimento da lua nunca é final, em virtude de seguir-se necessariamente uma nova lua, o desaparecimento do

¹² CHEVALIER, Jean *et al.* **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003. p. 680.

¹³ “Belo belo”. In BANDEIRA, Manuel. **Estrela da Vida Inteira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. p. 180.

homem tampouco é final; em particular, nem o desaparecimento de toda a humanidade (...) jamais é total, pois uma nova humanidade renasce a partir de um par de sobreviventes.¹⁴

Desta forma, a noite apresenta um duplo aspecto – o das trevas onde fermenta o vir a ser: *o terror era o nome constante no dialeto das noites* e o da preparação do dia, de onde brotará a luz da vida¹⁵: “No meu rosto / a noite acumula / as auroras que não cantam”. Do mesmo modo, o mar é símbolo dos nascimentos, das transformações e dos renascimentos. Representa um estado transitório entre as possibilidades não configuradas, uma situação de ambivalência. Ainda é imagem do mundo e do coração humano, enquanto lugar das paixões. Observamos ainda que tanto a noite como o mar são imagens de imensidão que remetem ao devaneio, diante de um mundo que traz o signo do infinito (BACHELARD, 2008, p. 189-190):

A imensidão está em nós. Está ligada a uma espécie de expansão de ser que a vida refreia, que a prudência retém, mas que retorna na solidão. Quando estamos imóveis, estamos algures; sonhamos num mundo imenso. A imensidão é o movimento do homem imóvel.

O poeta procura a si mesmo, a verdade, a sinceridade, o conteúdo do coração e da consciência. No tempo das germinações, ele *descansa sobre o espelho como um solitário prostrado à beira de um lago*.

Vale a pena destacar, o poema dedicado a Lourival Holanda, baseado no mito de Ícaro e suas asas de cera:

Que faz Ícaro tombado na terra
ao perceber olhando o céu
seu triste percurso de azul dilacerado?

Levanta-se e anda – pensa
quanto orgulho seria contar
eternamente com suas asas.

O poema, além do seu caráter de preto, não deixa de ser um questionamento da experiência poética. Assim, findamos este ponto ratificando o significado do instante da ausência de luz como tempo de renovação e mistério, e por isto mesmo,

¹⁴ Apud BASTAZIN, Vera. *Mito e poética na Literatura Contemporânea*: um estudo sobre José Saramago. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006. p. 155.

¹⁵ CHEVALIER, Jean *et al.* *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003. p. 639-640.
[Revista FAFIRE, Recife, v. 4, n. 2, p. 11-21, jul/dez.2011](#)

inquietante enquanto tentativa de explicação da própria condição da poesia e do homem.

Os Olhos Incinerados da Manhã

Para avançar eu me volto sobre mim mesmo
Ciclone pelo imóvel habitado.
(Jean Tardieu)¹⁶

Na última parte do livro, o ciclo do tempo se fecha sobre si mesmo: “o clamor continuou, lembrando-me de onde vim e para onde vou”. Ao renascer da manhã, a luz torna para trazer ao homem o medo e a esperança do perpétuo reinício.

A epígrafe do capítulo dá uma ideia de seu significado no ciclo de instantes do livro:

Porque vos tornareis iguais a uma árvore grande cuja folhagem está
murchando e iguais a um jardim sem água. E o homem vigoroso há de
tornar-se estopa, e o produto da sua atividade, uma faísca; e ambos hão de
acender-se ao mesmo tempo, sem haver quem os apague. (Isaías, 1:30-31)

18

O que era noutro tempo forte e pleno, agora está reduzido à morte. Tanto o homem como sua obra estão sujeitos à destruição, ao transitório:

Um mutilado dorme
em cada homem que o sopro da vida envolve
Abatido, dado em sangramento
como um animal em holocausto

dorme o mutilado
no sono sem fim que encima cada um
na noite transversa
entre a vida e a morte

no leito sem adornos
que é o outro dado em sua angústia mais clara
a solidão de todo mutilado
espectro de esperança, desmembrado

¹⁶ “Les témoins invisibles”. *Apud* BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 218.
[Revista FAFIRE, Recife, v. 4, n. 2, p. 11-21, jul/dez.2011](#)

dividido entre permanecer
e morrer antes que o passado
tenha se desligado
da haste que o sustenta
raiz firme que o liga à vida

é mutilado primeiro
na memória que dia-a-dia o desfolha e quebra
um ramo
que estação nenhuma altera, frágil espera.

O eterno princípio é “a última parede do tempo / Contra a qual a dor primeira / Contém-se como um leopardo / Diante de outro leopardo”. Não há modo de escapar do círculo do tempo e a consciência do poeta presente, “o teatro de sombras nos restos do seu corpo”.

A idéia de tempo como círculo e dos perpétuos reinícios é própria da tradição islâmica e dos poetas sufistas¹⁷, em que a busca de inserção no tempo é vista como um eterno presente, cujas mudanças são formas de permanecer. O movimento circular é perfeito, imutável. Há nele ausência de divisão ou distinção, sem variações, sucessão contínua e invariável de instantes. Santo Agostinho rompe com a idéia dos ciclos e introduz a ideia de um tempo linear: finito e irreversível (Paz, 1984, p. 30-32). Para ele, a salvação é individual e por isso o protagonista do drama cósmico já não é o mundo, mas cada um dos homens. A vida é um fenômeno único, irrepetível.

Ambas as concepções têm em comum o fato de tentar anular ou minimizar as mudanças, seja por um tempo que se repete, ou progride em um sentido único, sem possibilidade de retrocesso. A concepção de tempo de Fábio Andrade assemelha-se à idéia de Arendt que já mencionamos, e está exatamente entre esses dois arquétipos: ao mesmo tempo em que o universo se desintegra e se renova, os homens são as únicas coisas mortais (cuja vida individual difere da espécie dos animais) que se movem ao longo de uma linha reta num universo em que tudo que se move o faz num sentido cíclico.

Na Bíblia Sagrada, encontramos a afirmação do sábio pregador do Eclesiastes: o que foi, isso é o que há de ser; e o que se fez, isso se fará; de modo que nada há de

¹⁷ Inclusive, o autor cita o poeta Ibn Al-Farid na epígrafe do poema *Inverno Amoroso*.

novo debaixo do sol. Vaidade de vaidades – tudo é vaidade. E o salmista diz: os dias do homem são como a sombra que passa¹⁸.

Efetivamente, afirma o poeta René Char ser a lucidez o ferimento mais próximo do sol¹⁹.

E o poeta te diz: compra o teu tempo²⁰

Vê a tua vida em todas as origens.
Em todas as existências.
Em todas as mortes.

(Cecília Meireles)²¹

Por fim, ainda destacamos o número de poemas de cada instante em *Luminar Presença*: sete²². O número simboliza um ciclo completo, uma perfeição dinâmica. No entanto, encerra uma ansiedade pelo fato de que indica a passagem do conhecido ao desconhecido. O poeta existe em permanente assombro diante do mistério do tempo. É luz, revelação, noite e devaneio.

A fim de estabelecer uma análise crítica, podemos dizer que a poesia de Fábio Andrade é consciente e deliberada. Não incorre no erro do mau poeta que “geralmente é inconsciente onde devia ser consciente e consciente onde devia ser inconsciente” (ELIOT, 1997, p. 31). O conjunto de signos que a compõe forma um todo harmonioso e rico, como deve ser a boa literatura. O poeta não tem o pavor ao academicismo como tantos de nossa época. Há o diálogo com a tradição, característico do artista que vive não apenas o presente, mas o momento presente do passado, o que permite ao autor estar em sintonia com seu tempo, pois, como afirma Ordes

¹⁸ Livro de Eclesiastes 1.2; 1.9 e Livro de Salmos 144. 4 (Bíblia Sagrada)

¹⁹ Apud SHIMOTE, Carlos Alberto. *RENÉ CHAR e a poética do combate*. Disponível em: <http://www.apropucsp.org.br/revista/rcc01_r12.htm> Acesso em: 15 out. 2008.

²⁰ Hilda Hilst. *Poemas aos homens do nosso tempo – XVI*. Disponível em: <<http://www.angelfire.com/ri/casadosol/phomens.htm>> Acesso em: 15 out. 2008.

²¹ “Cântico II”. In MEIRELES, Cecília. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1963. p. 25.

²² CHEVALIER, Jean et al. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003. p. 826.

Fontela: é importante penetrar o tempo e é importante vigiar o desabrochar do destino²³.

Referências

- ANDRADE, Fábio C. **Luminar presença & outros poemas**. Olinda: Livro Rápido, 2005.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BASTAZIN, Vera. **Mito e poética na literatura contemporânea: um estudo sobre José Saramago**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.
- BÍBLIA SAGRADA. Disponível em: <<http://www.biblionline.com.br/>> Acesso em: 15 out. 2008.
- BLIKSTEIN, Izidoro. **Kaspar Hauser ou A fabricação da realidade**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- CHARLES, Victoria. MACSHANE, Megan. WIGAL, Donald. (Org.) **1000 obras-primas da pintura**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CHEVALIER, Jean *et al.* **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- ELIOT, T. S. **Ensaio de doutrina crítica**. Lisboa: Guimarães Editores, 1997.
- FONTELA, Orides. **Poesia reunida (1969-1996)**. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2006.
- HILST, Hilda. **Do desejo**. São Paulo: Globo, 2004.
- _____. *Poemas aos homens do nosso tempo – XVI*. Disponível em: <<http://www.angelfire.com/ri/casadosol/phomens.html>> Acesso em: 15 out. 2008.
- MEIRELES, Cecília. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Record, 1963.
- PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

²³ “Lembretes”. In FONTELA, Orides. **Poesia reunida (1969-1996)**. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2006. p. 206.
Revista FAFIRE, Recife, v. 4, n. 2, p. 11-21, jul/dez.2011

_____. **Os filhos do barro:** do romantismo à vanguarda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

QUINTANA, Mário. **Mário:** 80 anos de poesia. São Paulo: Globo: 2005.

SHIMOTE, Carlos Alberto. *RENÉ CHAR e a poética do combate*. Disponível em: <http://www.apropucsp.org.br/revista/rcc01_r12.htm> Acesso em: 15 out. 2008.